

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# **Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

## Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

# 100 ANOS A FORMAR PROFESSORES PARA FORMAR LEITORES: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

## INTRODUÇÃO

Problematizar a relação entre a formação de professores de Português e o incentivo à leitura, dito de outro modo, sugerir que certas opções e práticas da formação de professores talvez sejam indutoras de comportamentos profissionais e pessoais facilitadores da formação de leitores, implica situar a atual profissionalização de professores de Português num espaço e num tempo. O espaço central é, para o nosso caso, o da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). O tempo são os últimos 100 anos. Mas o espaço não será apenas esse, matricial, dado que me referirei também ao que acolheu<sup>1</sup>, tão generosamente, a conversa que está na base deste texto. E o tempo terá também ramificações: para o passado e, sobretudo, para o futuro. Citando Tolentino de Mendonça<sup>2</sup>, “As memórias são, como se sabe, moedas para ser usadas no país do futuro”.

O plano desta reflexão está dividido nas seguintes partes:

- A primeira Faculdade de Letras
- O lugar de onde falamos
- A formação de professores de Português na FLUP
- Formar professores para formar leitores
- Projetos com futuro: quatro + quatro exemplos
- Considerações finais.

---

<sup>1</sup> Esta conferência teve lugar na Biblioteca Luísa Dacosta da Escola de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico Francisco Torrinha, no Porto, no dia 19 de novembro de 2019. Foi comentador Luís Alberto Marques Alves, a quem agradeço.

<sup>2</sup> “A solidão não se mede aos palmos”, da rubrica “Que coisa são as nuvens”, em *Expresso. Revista.* (23-5-2020) 90.

Tentarei fazer uma breve viagem diacrónica, de um tempo mais longínquo para o mais recente. Mas tecerei, também, algumas reflexões sobre o espaço. Procurarei, depois, afunilar o olhar e focá-lo na formação de professores de Português na FLUP. E daí, partirei para a referência a alguns projetos liderados por professores de Português em vários contextos, ex-estudantes nossos, testemunhos de que formamos professores que, por seu turno, formam leitores. É o olhar para o futuro.

Os objetivos do texto são, essencialmente, os três que elenco:

1. relacionar a formação de professores com as suas circunstâncias;
2. defender as vantagens de se ter hábitos de leitura;
3. problematizar a ligação entre formação de professores e promoção da leitura.

A reflexão plasmada neste texto não tem preocupações de carácter histórico. A História não é nem a minha área de formação nem de pesquisa. Não se espere pois, deste artigo, uma investigação pormenorizada e rigorosa de datas e nomes, percursos e trajetórias pessoais ou coletivas. Situo-me no lugar de formadora de professores de Português e é a partir daqui que refletirei sobre as ligações entre a minha instituição de origem, a forma como trabalhamos naquele âmbito concreto e alguns indícios que parecem corresponder a bons resultados.

### **A PRIMEIRA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO**

Apesar dos muitos e interessantes dados recolhidos, tratados e eficientemente divulgados por vários docentes e investigadores da FLUP, noutras ocasiões e mormente no ano das comemorações do centenário da criação da primeira Faculdade de Letras do Porto, apesar das bases de dados atraentes e de fácil consulta já anteriormente organizadas ou disponibilizadas durante o ano de 2019<sup>3</sup>, irei fazer, a partir de informação nelas recolhida, uma muito breve síntese de alguns factos, tendo em conta um eventual leitor que os não conheça. Falarei da primeira Faculdade de Letras, com a preocupação apenas de contextualizar, a traços largos, o passado, para melhor podermos enquadrar a nossa atuação presente. Valorizarmos o lugar de onde falamos implica conhecê-lo e apresentá-lo. Será um modo de atribuirmos mais sentido ao presente e até ao futuro e de os pensarmos a partir de informação mais rica e variada.

No blogue dos 100 anos da FLUP, podemos ler: “A Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi criada pela Lei n.º 861, de 27 de agosto de 1919,

---

<sup>3</sup> Veja-se, por exemplo, o blogue dos 100 anos da Faculdade, que, durante 2019, facultou permanente informação sobre as comemorações e a história da primitiva Faculdade de Letras em: <http://blogs.letras.up.pt/100anosflup/> [acesso 29-5-2020].

que estipulava, no seu artigo 11.º, o seguinte: “É criada na Universidade do Porto uma Faculdade de Letras com um quadro de disciplinas, grupos e secções, análogo ao das mesmas Faculdades de Lisboa, (...) e Coimbra”.

Como sabemos, as Universidades de Lisboa e do Porto são criações da República, de 1911, mas, no caso do Porto, a Universidade não contava, desde o início, com uma Faculdade de Letras, que só começou a funcionar no ano letivo de 1919-1920. Esta instituição, que formou dezenas de intelectuais de renome na cidade e no país, foi no entanto encerrada pelo governo da Ditadura Militar, poucos anos depois, pelo Decreto n.º 15.365, de 12 de abril de 1928. Segundo as informações que podemos ler no referido blogue da FLUP:

Na primeira fase e na sequência da sua criação, em 1919, a FLUP formou 167 licenciados nos cursos de Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, Ciências Históricas e Geográficas e Filosofia, até à sua extinção formal pelo Decreto n.º 15.365, de 12 de abril de 1928. O último exame de licenciatura foi realizado a 29 de julho de 1931 e pelo Decreto-Lei n.º 23.180 de 31 de outubro de 1933, os professores adidos da extinta Faculdade foram mandados prestar serviço como professores provisórios nos liceus.

É uma história curta, com um fim precipitado, mas o elenco dos docentes e estudantes da Faculdade, bem como os relatos de vivências conviviais e intelectuais que nela tiveram lugar, testemunham a formação de excelência de grande parte dos que por lá passaram, a vivacidade das discussões, a abertura de espírito reinante. Esta elite intelectual está apresentada sumariamente, para quem quiser conhecê-la, na base de dados da Reitoria, em *Docentes e Estudantes da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto*<sup>4</sup>.

Pelo desenho curricular dos cursos que interessam à formação de professores de Português (sobretudo Filologias Românica, Germânica e Clássica) e pelo percurso profissional de parte considerável dos seus professores e estudantes, poderemos deduzir que a primeira Faculdade de Letras preparou professores com sólida formação filológica, uma verdadeira elite. A lista dos protagonistas dessa primeira aventura inclui nomes tão notáveis como António Salgado Júnior, Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Armando de Lacerda, Hernâni Cidade ou Delfim Santos, para citar apenas alguns. Como atrás se disse, uma parte destes protagonistas acabou por ingressar na carreira do Ensino Liceal, extinta a Faculdade de Letras. É o caso, por exemplo, de filólogos de exceção como António Salgado Júnior, que se tornou professor de Português no então Liceu D. Manuel II<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Ver: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20faculdade%20de%20letras%20da%20u.porto](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20faculdade%20de%20letras%20da%20u.porto) [acesso 12-11-2019].

<sup>5</sup> Foi aí professor de Português, no 1.º ano do liceu, de dois familiares próximos, no final dos anos sessenta do séc. XX. Da sua erudição são testemunhas as várias gerações de alunos liceais que leram a edição de *O Livro da Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, da *Colecção Autores de Língua Portuguesa. Textos Literários* (Lisboa: [s.n.], 1938), de cujos prefácio e notas se encarregou.

Durante mais de três décadas, no Porto não existiu, portanto, Faculdade de Letras, tendo a cidade recuperado esta instituição apenas em 1961, data em que foi reaberta, apenas com duas licenciaturas – História e Filosofia –, e ainda o curso de Ciências Pedagógicas. Com efeito, de 1961 até 1968, a FLUP contou somente com esta reduzida oferta formativa.

### O LUGAR DE ONDE SE FALA

O lugar de onde se fala tem, a meu ver, uma importância crucial, marcando a perspectiva pessoal, ou seja, o ponto de vista e a voz de quem fala. Referi-me, muito brevemente, à primeira Faculdade de Letras e voltarei mais demoradamente à segunda. Mas a palestra que estive na origem deste texto foi proferida, não obviamente por acaso, num espaço que também merece que, a seu propósito, tenhamos algumas reflexões. Por uma feliz ideia dos organizadores deste conjunto de conferências (as *Conferências do 19*, realizadas mensalmente ao longo do ano de 2019), elas tiveram lugar, salvo a primeira e a última, fora da FLUP, em variadíssimos espaços emblemáticos da cidade, assim estreitando, de forma mais forte, a cumplicidade existente entre o Porto e a sua Faculdade de Letras. Ora, aquela cujas reflexões agora partilho por escrito teve lugar na Escola de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico Francisco Torrinha, cenário adequadamente escolhido para falar de formação de professores. Triplamente bem escolhido<sup>6</sup>: por ser uma escola conceituada da cidade, porque, dentro do estabelecimento de ensino, se optou pela Biblioteca para lugar do encontro, e porque Francisco Torrinha (1879-1955), o patrono da escola, foi justamente docente na primeira Faculdade de Letras. Francisco Torrinha é ainda hoje, para muitos de nós, pelo menos nome de dicionário, o dicionário do Torrinha, com edições recentes, mais atrativas do que aquela edição Domingos Barreira, de 1951, que ainda conservo com proveito. Mas Francisco Torrinha não foi apenas autor do Dicionário. Como sobre ele podemos ler no sítio já referido<sup>7</sup>, “Em finais de 1922 teve necessidade de interromper a carreira docente liceal para ingressar como Professor Contratado do 1.º Grupo (Filologia Clássica) na 1.ª Faculdade de Letras do Porto, onde regeu as cadeiras de Língua e Literatura Grega, Língua e Literatura Latina e Gramática Comparada do Grego e do Latim. O Conselho Escolar da Faculdade conferiu-lhe o grau de Doutor em Letras – Filologia Clássica, no dia 19 de Abril de 1926”.

Este passeio pelos lugares que enquadram esta reflexão não terminará sem me referir ao belo espaço da Biblioteca da escola, onde a conferência

---

<sup>6</sup> No meu caso pessoal, a escolha da escola foi ainda mais adequada porque se dá a coincidência de a conhecer eu bem, por ter sido o estabelecimento de ensino frequentado entre o 5.º e o 9.º anos de escolaridade pelos meus três filhos, razão pela qual nem o espaço físico, nem a história da escola, nem alguns dos seus docentes me são alheios.

<sup>7</sup> Ver: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1004242](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004242) [acesso 23-10-2019].

teve lugar. Antes disso, porém, terei de justificar melhor o motivo por que paro a falar deles. Vem-me então à memória, do muito que o li, o livro de Almeida Garrett *Viagens na minha terra*. No início do Cap. XXVI, Garrett valoriza a força e a graça que advêm a uma história, por ser ela contada “nos próprios sítios em que se passou”:

Mas de tudo isto o que se tira, a que vem tudo isto para as minhas viagens ou para o episódio do vale de Santarém em que há tantos capítulos nos temos demorado?

Vem e vem muito: vem para mostrar que a história, lida ou contada nos próprios sítios em que se passou, tem outra graça e outra força; vem para te eu dar o motivo por que nestas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado naquele vale a ouvir do meu companheiro de jornada, e a escrever para teu aproveitamento, a interessante história da menina dos rouxinóis, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joaninha (Garrett, 1846:130).

Uma parte da reflexão que nos ocupa enquadra-se melhor se tivermos em conta que “a história, lida ou contada nos próprios sítios em que se passou, tem outra graça e outra força”. Insistiremos teimosamente nesta ideia, pela terceira vez, ao referirmos o nome da Biblioteca Luísa Dacosta, onde a conferência teve lugar. Eis o espaço ideal para falar de promoção da leitura: uma biblioteca escolar, pertencente à Rede de Bibliotecas Escolares, projeto nacional responsável, com o Plano Nacional de Leitura, e a Rede de Bibliotecas Municipais entre outros, pelo aumento significativo do número de leitores em Portugal. A Biblioteca, antiga capela do Colégio Brotero, edifício agora ocupado pela escola, é um lugar particularmente bonito e bem recuperado, com os frescos de Martins da Costa, o mobiliário airoso das Bibliotecas escolares de hoje e o lado mais sério da capela que foi.

A Biblioteca tem, além do mais, uma patrona muito bem escolhida – Luísa Dacosta (1927-2015). A escritora, que era também professora de Português do 2.º ciclo do Ensino Básico, foi docente na Escola Francisco Torrinha entre 1976 e 1997, ano em que se aposentou. Nos últimos anos do seu magistério, ocupou-se, sobretudo, enquanto animadora da Biblioteca<sup>8</sup>. Foi sempre uma defensora acérrima das sessões de leitura, sobre as quais escreveu inúmeros textos, inclusive nas páginas dos seus diários (2005, 2008). Que melhor nome para uma Biblioteca escolar do que o de uma escritora e professora de Português que a dinamizou?

---

<sup>8</sup> Dois apontamentos pessoais sobre Luísa Dacosta, que partilho, porque correspondem a bons exemplos de fomento da leitura: o entusiasmo da minha filha mais velha, pelos seus 13 ou 14 anos, depois de ter assistido a uma aula de Luísa Dacosta na Biblioteca, onde a professora lhes apresentou Nicolau Tolentino e lhes leu vários poemas, com aquela pronúncia transmontana que conservava; o entusiasmo da irmã do meio, então com 12 anos, no ano em que Luísa Dacosta se aposentou e as turmas do 2.º ciclo representaram, como homenagem à escritora e professora, as diferentes peças do *Teatrinho do Romão* (1977). Aquela versão de *Frei João sem cuidados* tem um lugar cativo na nossa memória familiar.

## A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS NA FLUP

Feita esta apresentação dos lugares, retomo brevemente a história da formação de professores da FLUP. Começo pelo chamado curso de Ciências Pedagógicas, existente, no Porto, entre o início da segunda Faculdade de Letras, 1961, e 1974, ano em que foi extinto.

Pela reforma de 1930 (Decreto-lei n.º 18.973, de 16 de outubro de 1930), foi criada a Secção de Ciências Pedagógicas nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e de Coimbra, dado que, nesse ano, o Porto já não tinha Faculdade de Letras. O curso decorria num só ano letivo e era composto por um núcleo comum de 5 disciplinas, a saber: Pedagogia e Didática, História da Educação, Psicologia Geral, Psicologia Escolar e Higiene. A frequência desta Secção de Ciências Pedagógicas era obrigatória para a habilitação profissional de professores dos Ensinos Liceal e Técnico, que pretendessem profissionalizar-se, através de um estágio pedagógico da responsabilidade do Ministério da Educação Nacional, estágio que terminava com um Exame de Estado. Mas, segundo Rui Grácio, esta formação de Ciências Pedagógicas “tinha-se tornado desajustada” ao longo das décadas em que existiu e o mesmo autor refere que J. F. Gomes (1974), catedrático da História da Educação, denunciou “os «males» do sistema: número excessivo de alunos e sua heterogeneidade, frequência facultativa, total falta de coordenação entre o curso e o estágio pedagógico nas escolas” (Grácio, 1983a:169). O facto de a frequência ser facultativa e de, entre 1930 e 1961, o curso só ter existido em Lisboa e Coimbra, fez com se tenha transformado apenas num conjunto de matérias estudadas por sebtas, para exames com centenas de candidatos desmotivados (Stoer, 2008). Mesmo depois da reabertura da Faculdade de Letras no Porto, em 1961, o panorama pouco melhorou, sendo escassa a frequência das aulas.

Depois da extinção do curso, na sequência do 25 de abril de 1974, a formação de professores do 3.º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário restringiu-se aos estágios pedagógicos organizados pelo Ministério da Educação e coordenados a nível nacional, e os jovens candidatos a professores transitavam de um curso universitário de 5 anos, exclusivamente científico, diretamente para as escolas onde estagiavam. A situação veio a alterar-se com a criação, em 1987<sup>9</sup>, em todas as Faculdades de Letras, do chamado Ramo Educacional, que começou por ter um regime transitório e, depois, se organizou de forma mais definitiva, com um conjunto de Unidades Curriculares da área Educacional, algumas disciplinas da área da Didática (as então chamadas Me-

---

<sup>9</sup> Portaria n.º 850/87, de 3 de novembro: <https://dre.pt/application/conteudo/497458>. Agradeço a observação da Sónia Rodrigues, que me chamou a atenção para o facto de esta reestruturação curricular na Faculdade de Letras da Universidade do Porto ter ocorrido no ano imediatamente seguinte à criação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 outubro), que refere que o ensino é obrigatório, universal e gratuito.



todologias) e um Estágio pedagógico, acompanhado de Seminário, em Escolas Básicas com 3.º ciclo e Secundárias.

Duas décadas depois, este modelo deu lugar a um outro: um Curso de Especialização em Ensino (2005), de um ano, posterior ao final da licenciatura. Desde 2008, a criação dos Mestrados em Ensino, na sequência de legislação que obrigava todos os professores a serem detentores deste grau para poderem concorrer a vagas de professores nas escolas públicas, abre justamente para o panorama presente, embora tenha havido alguns ajustamentos na legislação inicial (por exemplo, com a criação da variante Português/Inglês num dos mestrados bilingues em línguas e do mestrado monolíngue de Português<sup>10</sup>, além de um reforço da percentagem da área da Didática e da formação científica de base)<sup>11</sup> e também os decorrentes do primeiro ciclo de avaliação da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), terminado em 2015<sup>12</sup>.

Quando falamos na formação de professores de Português na FLUP, nos tempos mais recentes, além dos vários mestrados com ensino do Português (referidos na nota 10), temos ainda em conta o *Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira*, que, não sendo um mestrado em ensino, também ele procura formar professores que assumam, como uma das suas principais tarefas, a formação de leitores. Não de português como língua materna, mas como língua estrangeira, como língua segunda, ou de herança, ou de acolhimento, como língua não materna, enfim, como língua adicional, designação que alguns usam para retirar qualquer eventual carga negativa por ventura descortinável nas anteriores.

Mas também não é só nos programas regulares de formação que, na FLUP, se formam professores para formar leitores. Tem havido, ao longo dos tempos, inúmeros Cursos de Formação Contínua<sup>13</sup>, colóquios<sup>14</sup>, publicações, e, mais

---

<sup>10</sup> Ver, respetivamente, para o tempo presente e a formação de professores de Português, o *Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Alemão ou Espanhol ou Francês ou Inglês* e o *Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*.

<sup>11</sup> Cfr. o Decreto-lei n.º 79/2014, de 14 de maio, que regula, atualmente, o regime jurídico da habilitação profissional para a docência nos Ensinos Básico e Secundário.

<sup>12</sup> Em agosto de 2020, a A3ES enviou à FLUP a avaliação do *Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*, que não implicou qualquer alteração, por ter sido muito positiva e ter resultado na creditação do curso por mais 6 anos, sem qualquer condição.

<sup>13</sup> Por exemplo aquele, tão vivamente participado, que deu origem ao livro por nós organizado *Gavetas de leitura: estratégias e materiais para uma pedagogia da leitura* (2001).

<sup>14</sup> Exemplificamos com alguns desses colóquios: os dois internacionais da Aprolínguas (20-22 de setembro de 2018 e 16-18 de junho de 2016), de que resultaram duas publicações. E ainda *A Linguística na Formação de Professores de Português* (30-31 de março de 2000), com mais duas edições: *A Linguística na Formação de Professores de Português 2* (12-13 de julho de 2010) e, mais recentemente, o *3.º Encontro A Linguística na Formação do Professor – das teorias às práticas educativas*, tendo resultado, do primeiro e do último, publicações (em 2001 e 2019, respetivamente). Todas as iniciativas científicas da área da Literatura que têm lugar na FLUP são, obviamente também, de crucial importância para a valorização da formação em leitura dos estudantes-futuros professores.

recentemente, relatórios de Mestrado, com a investigação-ação de que dão conta, centrados prioritariamente na leitura: no seu fomento, na compreensão leitora, na multiplicidade de fatores que a condicionam e potenciam, na sua relação com outras áreas do Português, nomeadamente a gramática, a Literatura, a educação literária, etc.<sup>15</sup>.

### FORMAR PROFESSORES PARA FORMAR LEITORES

Cabe aqui uma referência muito especial à Unidade Curricular (UC) *Didática do Português (I e II)* dos atuais Mestrados em Ensino do Português (ou à *Metodologia do Ensino do Português* que a antecedeu, nos modelos de formação anteriores) porque uma marca da FLUP consiste no facto de nunca ter separado os conhecimentos de base da Linguística dos da Literatura, isto é, de, diferentemente das outras Faculdades de Letras, onde existe uma Didática da Língua e uma Didática da Literatura, a do Porto ter sempre oferecido uma única Didática, em dois semestres, que tem por objeto a reflexão sobre o ensino da linguagem toda. Esta opção, que vem do início da formação de professores na instituição, na segunda Faculdade de Letras, aquando da criação do Ramo Educacional, tem sido militantemente defendida por vários docentes da Faculdade ao longo dos anos<sup>16</sup> e vai de par com outra decisão que foi, quanto a nós, uma boa aposta: a *Didática do Português* ficou sempre ligada ao Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, ao invés de ter ficado alocada, como noutras Universidades, a departamentos de educação. Assim, a relação entre os conhecimentos linguísticos e literários esteve sempre na base das propostas científicas da área da Didática que fomos fazendo. E no reforço dos conhecimentos científicos de base reencontramos ensinamentos e preocupações da primeira Faculdade de Letras.

A recusa em desligar a reflexão sobre o ensino da língua da do ensino da literatura nasce de uma convicção partilhada e profunda de que não é possível nem desejável dissociar as duas áreas, como, aliás, Vítor Aguiar e Silva também defendeu (2005, 2008).

Para explicar como os conhecimentos mais aprofundados sobre a língua que falamos permitem problematizar aquela área hoje designada, nos programas, como “educação literária”, e sublinhar a importância central do acesso aos textos para se gostar da língua, atente-se na citação de Aida Santos, ex-docente da área na FLUP:

(...) só se chega a gostar da língua (no sentido cognitivo, afectivo, ou até naqueloutro mais concreto, de fruição sensível: gostar a língua) pelos textos, não sendo de conceber o in-

<sup>15</sup> Cf. Mendonça, 2014; Lima, 2014; Morais, 2014; Ribeiro, 2015, entre outros.

<sup>16</sup> Fonseca, 2000; Figueiredo, 2005; Duarte, 2008, 2010; Rodrigues, 2017, por exemplo.

verso, isto é, que se possa esperar, por exemplo, que seja possível apreciar ou dominar primeiro a língua e que o gosto pela leitura dos bons autores possa criar-se à margem das práticas lectivas ou “aconteça”, venha depois” (Santos, 2003:108).

Para se gostar de ler, tem de se passar pela experiência de ler bons textos e os bons textos leem-se melhor se soubermos mais português, se refletirmos mais atentamente sobre a língua, a sua organização, as potencialidades do seu uso, incluindo o criativo, e conhecermos mais factos acerca dela.

Vamos aqui tomar em conta o ato de ler não entendido no sentido de mero relacionamento de grafemas e fonemas para decifrar sílabas, palavras, frases e textos, num processo que leva à compreensão e que por ela é facilitado. Não estamos a pensar na aprendizagem da leitura, tal como tem lugar, normalmente, no 1.º ciclo do Ensino Básico, até porque formar os professores que vão ensinar a ler, nesse sentido inicial, não é tarefa nossa, mas das Escolas Superiores de Educação. Note-se, no entanto, que são vitais, na formação de professores na FLUP, o conhecimento e a investigação produzidos nas Unidades Curriculares e na área genérica da Psicolinguística e do ensino de línguas (concretamente, no caso da FLUP, por Maria da Graça Pinto), que amplamente permitem equacionar questões de aprendizagem da leitura e escrita e são bibliografia obrigatória para os cursos de formação de professores de Português e outras línguas<sup>17</sup>.

Quando falamos de leitura, no nosso contexto de formação de professores, estamos a entendê-la como um processo universal de obtenção de significados: quer os explícitos quer os que, não o sendo, implicamos por dedução, a partir de elementos linguísticos dos textos a que temos de estar atentos. Como Rodrigues (2017) mostra, apesar das diferenças entre diversos programas e outros documentos reguladores que têm enquadrado a atuação dos professores de Português nas últimas décadas, há uma consensual convergência no que concerne ao papel central da leitura nesse âmbito. Trabalhamos com os nossos estudantes, futuros professores de Português, na problematização da importância que têm, para cada cidadão, os vários tipos subjacentes à conceção de leitura dos programas dos Ensinos Básico e Secundário. Referiremos, muito brevemente, essa reflexão.

A leitura para informação e estudo ou para recolha de informação é de crucial importância por dois motivos maiores. Por um lado, é a forma como os alunos estudam para outras disciplinas do currículo. Adquirimos conhecimentos, em grande parte, através da informação que recolhemos lendo textos de tipo informativo e explicativo, sobretudo. Quem não sabe retirar informação relevante de um texto não será eficaz no estudo, não acederá ao

---

<sup>17</sup> Cf. Pinto, 1998, 2001, 2005, 2007, 2009, 2013a, 2013b, 2013c.

conhecimento e será penalizado, não conseguindo ter sucesso escolar. Por outro lado, como o relatório Delors (1996)<sup>18</sup> apontou, a formação ao longo da vida é um dos pilares centrais da educação para o século XXI. Poucos dos nossos jovens de hoje terão um emprego para a vida, como acontecia com os seus avós, por exemplo. Serão obrigados a mudar com frequência de atividade ou profissão, a mobilizar novas competências e novos saberes. Terão de se reciclar e adaptar a novas tarefas. Ora, para adquirirem essa capacidade, devem ser capazes de, autonomamente, estudarem e se prepararem. O que é feito, na maioria das vezes, através da leitura, isto é, através da informação que saibam extrair, com a máxima eficácia, dos textos que leem.

Um outro tipo de leitura é a que se chama metódica e orientada, isto é, a leitura mais frequente na escola, na aula de Português, orientada pelas perguntas orais do professor que tenta conduzir o raciocínio dos alunos, de modo a que eles acionem, no texto, todos os sentidos possíveis, e disso retirem prazer estético. A orientação do professor pode ser proposta num guião de leitura escrito, a partir do qual os alunos, sozinhos, em pares ou grupos, tentam interagir com o texto e os seus sentidos.

Quanto à leitura recreativa ou extensiva, espera-se dela que permita aos alunos lerem sem lhes ser exigido muito mais em troca. Seria a leitura de livros inteiros (de contos inteiros, às vezes), por isso já se lhe chamou, também, “leitura integral”. Não deve ser, apenas, a leitura das obras obrigatórias dos Programas de Português, nem sequer a dos livros sugeridos em listas mais ou menos oficiais, como as do Plano Nacional de Leitura ou as das Metas Curriculares<sup>19</sup>, mas deve abarcar todos os livros que os alunos queiram ler na íntegra, pelo puro prazer de ler. E se os três tipos de leitura têm uma importância central na criação de hábitos de leitura, talvez seja através desta última, feita de modo mais gratuito para o aluno, que melhor se consegue formar leitores.

Qualquer que seja o programa de formação de professores de Português em que tenhamos estado envolvidos, a reflexão em torno do papel desse professor como formador de leitores é uma prioridade. Tal como escreveu Graciete Vilela, que também foi nossa companheira nesta jornada,

O estímulo e o desenvolvimento do gosto pela leitura deve ser um dos objectivos prioritários do professor de língua materna. E se esse objectivo deve ser considerado logo no 1.º ciclo do ensino básico, com os seus frutos visíveis e médio e a longo prazo, o 2.º e o 3.º ciclos devem desenvolver as potencialidades de leitura já criadas, proporcionando espa-

---

<sup>18</sup> O relatório foi publicado com o sugestivo título *Learning: the Treasure Within: report to Unesco of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*. A tradução portuguesa, da ASA, é de 1986, ano da publicação original.

<sup>19</sup> Para as Metas Curriculares do Ensino Básico, ver: <https://www.dge.mec.pt/portugues> [acesso 15-11-2019].

ços de reflexão, de abertura e de alargamento. Uma criança que adquiriu hábitos, ritmo e velocidade de leitura necessita, posteriormente de desafios contínuos às suas capacidades de leitor, de acompanhamento que transforme o explícito em implícito, de provas de que o ato de ler constitui uma fonte inesgotável da descoberta do EU, do mundo e dos outros (Vilela, 1995:15).

Defendemos então, com a autora, que “o ato de ler constitui uma fonte inesgotável da descoberta do EU, do mundo e dos outros” e vale portanto a pena incentivar o prazer de ler<sup>20</sup>. Talvez só ele consiga tornar os alunos leitores, isto é, sujeitos que leem para lá da escolaridade obrigatória, cidadãos com hábitos de leitura. Tão importante como a descoberta do eu e do mundo é a descoberta do outro, que a literatura e a leitura em geral ajudam a fazer e potenciam.

Faça-se aqui um aparte para explicar o que entendemos por um cidadão que lê. Um dos valores aspetuais do presente do indicativo em português é o da habitualidade. Se eu digo, por exemplo, “A Teresa lê”, não significa isto que, neste momento, a Teresa está a ler. Justamente, a perífrase estar a + infinitivo (ou, no caso do Português do Brasil, a perífrase estar + gerúndio) indica, preferencialmente, a coincidência da ação de a Teresa ler com o momento da enunciação. Quando digo que “a Teresa lê”, quero dizer que ela tem o hábito de ler, ela lê habitualmente. Como, se disser que o João bebe, não quero significar, na maior parte das ocorrências, que, no momento da enunciação, ele está a beber, mas que ele tem o hábito de beber, bebe em excesso, ou seja, tem o vício da bebida.

Em suma, quando falo de um aluno que lê, tomo o presente no seu valor aspetual de habitualidade. Estou a querer dizer que o aluno tem o hábito de ler, o que nunca será um vício, nem nunca será em excesso. Porquê? Porque da leitura decorrem, para os alunos em particular e os cidadãos em geral, um conjunto insubstituível de vantagens, que a seguir pormenorizarei.

Os que leem têm, sem grande esforço, um maior acervo lexical do que os não leitores. Aprendem (e poderão aprendê-lo ainda mais eficazmente com professores de Português bem preparados) a deduzir o significado de palavras que não conheçam quer do contexto, quer da estrutura da própria palavra. Porque conhecem mais léxico, acedem ao sentido mais depressa, ganham velocidade de leitura e assim retiram, mais facilmente, prazer dessa atividade. Pelo que lerão mais e passarão a adquirir mais vocabulário, numa espécie de espiral em que os não leitores ficarão sempre cada vez mais para trás.

---

<sup>20</sup> *Incentivar o prazer de ler* é o título de um livro de Christian Poslaniec, que traduzimos para as edições ASA, em 2006. O subtítulo informa que o livro inclui *Actividades de Leitura para Jovens*.

Como é óbvio, quem tem hábitos de leitura com mais facilidade interioriza regras ortográficas, porque mais vezes e durante mais tempo tem, debaixo dos olhos, a forma escrita correta das palavras. E assim, quase sem esforço, o leitor passa a saber como elas se escrevem.

O aluno que lê possui, igualmente, um maior elenco de estruturas sintáticas disponível pois, ao lermos (ou ao ouvirmos ler, daí também a importância desta atividade quando a criança ainda não sabe ler), interiorizamos as estruturas sintáticas típicas da escrita, mais complexas e rigidamente exigidas, do que as que a criança conhece da oralidade, isto é, as que foi adquirindo pelo uso, naturalmente, desde que começou a ouvir falar. Por isso é possível sublinhar “a inevitável cumplicidade entre leitura e escrita” (Pinto, 2013b:116) a que Graça Pinto se refere com frequência. Quem mais lê, em suma, escreve melhor.

Mas, além destas vantagens de carácter mais prático, mais escolar, a leitura enriquece-nos ainda com outras, de maior relevância para a formação do ser humano: mais conhecimentos do mundo, mais abertura para o outro. No excerto do texto de Luísa Dacosta (1993) do jornal *Matosinhos hoje*<sup>21</sup>, que transcrevemos, a escritora chama a atenção para o contributo da leitura na criação de empatia entre o leitor e os outros.

Num tempo, ainda não muito distante, quando se acreditava que o futuro era feliz e estava ao alcance do nosso querer, as crianças iam à escola para aprender a ler, a escrever e a contar.

Hoje, neste nosso mundo economicista, poluído por um consumismo desenfreado, só saber contar parece ter importância. Escrever e ler são valores a cair em desuso. Perigosamente, a cair em desuso, porque ao deixarmos de ler estamos a desumanizar-nos, a tornar-nos insensíveis ao outro, que deixamos de sentir como um outro eu. Ainda este ano, que agora termina, fomos confrontados com dois crimes cruéis, impensáveis, praticados por crianças que, em Inglaterra, mataram um bebé e, em França, espancaram até à morte um marginal. Eram crianças que não tinham lido Andresen, que não tinham chorado com a dor muda da “Sereiazinha”, que não tinham sentido os pés enregelados na neve da “Rapariga dos fósforos”, nem, na pele da alma, a rejeição do “Patinho feio”. Eram crianças da era violenta da imagem, viciadas na acção instantânea, sem tempo para a sensação e que por isso tinham deixado de sentir como sua a dor do outro.

Vale a pena atentar, embora sem aprofundar aqui muito o conceito, na noção de empatia linguística (Rabatel, 2017), que “(...) de uma perspectiva enunciativa, consiste em pôr-se no lugar de um outro (interlocutor ou terceira pessoa), um locutor emprestar a sua voz a um outro, para encarar

---

<sup>21</sup> A impossibilidade de verificar a data exata do texto, devido à COVID-19, por estarem fechados os serviços de consulta da Biblioteca Florbela Espanca, em Matosinhos, impedem-me de referir o dia exato da publicação que é de dezembro de 1993.

um acontecimento, uma situação do ponto de vista do outro”<sup>22</sup> (Rabatel, 2017:300). Esta empatia linguística, a que acedemos através da leitura, torna o leitor um sujeito mais solidário.

Apesar do otimismo sugerido por esta ideia generosa, lembremo-nos de George Steiner e da sua chamada de atenção prudente para a coincidência supreendente entre os crimes do nazismo e uma elite culta: “Sabemos agora que um homem pode ler Goethe ou Rilke à noite, que pode interpretar Bach e Schubert e ir para o trabalho em Auschwitz de manhã” (2014:13), escreveu, em *Linguagem e Silêncio*.

A cautela avisada de Steiner não nos deve demover, no entanto, de aproveitar essa fonte inesgotável de educação ética que a leitura proporciona e que está nas mãos do professor de Português dinamizar. A ligação entre leitura literária e ética não parece difícil de estabelecer e há propostas, como a de Karen Bohlin (2005), de atividades e tarefas previstas para que essa relação se fortaleça e se estreite, com proveito da formação moral dos jovens leitores. *Teaching Character Education through Literature*, a obra referida, tem o elucidativo subtítulo *Awakening the Moral Imagination in Secondary Classrooms*. Estamos portanto a partir do pressuposto de que a leitura, além dos benefícios mais práticos que traz ao leitor, no que tange ao aprofundamento das competências linguísticas, e ao aperfeiçoamento dos desempenhos em português, bem como ao alargamento da sua enciclopédia, também contribui para ajudá-lo a tornar-se melhor pessoa. Pode talvez parecer um pouco ingênua esta crença no poder dos livros, que dá igualmente título ao número de janeiro de 2020 da revista *Sciences Humaines – Le pouvoir des livres*. Este número especial tem o subtítulo ambicioso *Comment la littérature peut changer notre vie*. Mas o desprezo pelo conhecimento não é, com certeza, melhor alternativa.

Para a criação de hábitos de ler, convergiram, ao longo das últimas décadas, vários incentivos, quase todos decorrentes de desígnios nacionais. Em primeiro lugar, refiro o Plano Nacional de Leitura (PNL)<sup>23</sup>, cujo contributo para a formação de leitores é inestimável e já empiricamente confirmado por alguns dos relatórios que, ao longo dos anos, foram sendo elaborados, para o Plano, por diversos peritos externos. A persistência do PNL que, embora com altos e baixos e com épocas de mais e outras de menos investimento, tem sido uma constante desde o seu lançamento, propiciou uma atitude mais ativa e imagi-

---

<sup>22</sup> Nossa tradução de “(...) sous son versant énonciatif, revient à se mettre à la place d’un autre (interlocuteur ou tiers), un locuteur prêtant sa voix à un autre, pour envisager un évènement, une situation du point de vue de l’autre”.

<sup>23</sup> Ver sítio Ler+, explorando as diferentes iniciativas que o projeto lançou ou apoiou ao longo dos anos: <http://www.pnl2027.gov.pt/np4/home> [acesso 3-1-2020].

nativa por parte de escolas, autarquias, bibliotecas e pais. Algumas das vertentes do PNL incluíram pediatras do Serviço Nacional de Saúde, estabelecimentos prisionais e outros parceiros que, habitualmente, não pensávamos poder trazer para a causa da promoção da leitura. A profusão de linhas e atividades, de projetos e concursos em torno do Plano potenciou uma criativa explosão de formas inovadoras de lidar com a leitura, de que é um bom exemplo o projeto *Ouve, isto é um livro!*, que a Escola Francisco Torrinha e o Agrupamento de Escolas Garcia de Orta de que faz parte ganharam e estão a implementar<sup>24</sup>. Não poderia deixar de falar deste projeto concreto, tendo a escola em causa cedido as suas instalações para a conversa em que este texto se baseia.

Recentemente, por exemplo, foi lançada, pelo PNL, a iniciativa *10 minutos a ler*, para as escolas dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário da rede pública, “para que instituem no seu quotidiano a atividade diária da leitura por prazer”<sup>25</sup>.

Um outro incentivo à leitura vem da edição múltipla e cuidada de livros infanto-juvenis. Os livros para esta faixa etária são hoje muito mais variados, interessantes, cuidados graficamente do que eram no tempo dos meus filhos e infinitamente mais do que eram na minha infância. Os livros têm ilustrações de grande qualidade, sentido de humor e fazem pensar, em vez de nos darem, no final, uma lição de moral já pronta a adotar.

Um terceiro elemento de incentivo à leitura vem das Bibliotecas escolares e municipais de qualidade que hoje temos. O projeto das Bibliotecas Escolares e a rede de Bibliotecas Municipais têm-se constituído como um inegável e talvez o mais vital incentivo à leitura. Os bibliotecários são, geralmente, profissionais conhecedores do seu ofício e motivados e organizam, nos espaços, hoje fisicamente muito agradáveis e acolhedores, das várias bibliotecas, sessões para crianças (Horas do conto, Cantinhos de leitura) e clubes de leitura para adultos, exposições e feiras do livro, conversas com autores e ilustradores, entre muitas outras iniciativas louváveis. Darei rapidamente o exemplo da Biblioteca Manuel da Fonseca<sup>26</sup>, em Santiago do Cacém, onde a sala destinada à leitura para os mais pequenos do concelho é um espaço maravilhoso, escuro para sugerir recolhimento, mas decorado de luzes e co-

---

<sup>24</sup> Vale a pena percorrer o arquivo de leituras já existentes em: <https://aegarciadeorta.pt/ouve-isto-um-livro/> [acesso 22-4-2020].

<sup>25</sup> Como se pode ler no sítio da medida, “O apoio do PNL2027 a esta iniciativa traduz-se na atribuição aos agrupamentos de escolas / escolas não agrupadas de uma verba de 1.000€ para atualizar e reforçar o fundo documental destinado a suportar o empréstimo e a circulação das obras”. A iniciativa, que teve uma enorme adesão, lançou também um concurso e promete ser estendida a outros contextos. Ver: <http://www.pnl2027.gov.pt/np4/10minutosaler.html> [acesso 20-1-2020].

<sup>26</sup> Durante o período de confinamento da COVID-19, a Biblioteca organizou atividades como a gravação e difusão diárias de um conto em *Lar Doce Ler – Vamos contar-te uma história e*, com outras, o serviço de Bibliotecas Municipais *take-away*.



res variadas, propiciador da criação de um ambiente que facilmente acolhe a ficção e predispõe para o sonho e a imaginação que ela desperta.

Por fim, mas não menos importante: as famílias estão hoje, apesar da permanência de desigualdades sociais inaceitáveis, muito mais predispostas para cuidar da leitura das crianças do que há meio século atrás, quando uma fatia considerável de portugueses era analfabeta. Assim como foi possível inculcar hábitos de higiene oral a partir do envolvimento dos pais, também é possível inculcar hábitos de leitura com a cumplicidade deles. Que têm, hoje, um nível bem mais elevado de habilitações literárias do que há umas décadas, compreendendo melhor, portanto, o contributo da leitura para o crescimento harmonioso das crianças e jovens.

Além de todos estes incentivos à leitura, temos de contar, acima de tudo, com o envolvimento profissional dos professores, nomeadamente dos de Português. Da formação inicial deles, tem de fazer parte uma sólida formação científica e, inevitavelmente, o gosto de ler, pois não é possível motivarmos para uma atividade se não gostarmos dela.

No que à formação sólida diz respeito, refira-se que, no espaço das Unidades Curriculares de Didática do Português, os estudantes tomam contacto com trabalhos científicos que relacionam, por exemplo, a compreensão leitora com o conhecimento linguístico (Costa, 1992). Esse texto clássico é de leitura e discussão obrigatórias. Mas outra investigação, mais recente, entra na aula e é disponibilizada aos estudantes. A tese de Batalha (2018) que trata das relações entre o conhecimento explícito da língua e a competência de leitura, mostrando os avanços nesta área resultantes do trabalho explícito com alguns mecanismos de retoma pronominal, ou melhor, com a identificação mais rápida de antecedentes de alguns pronomes, é também apresentada aos estudantes. Entram igualmente nas nossas aulas os trabalhos desenvolvidos por Costa (2016) e Amaral (2009), para dar apenas mais dois exemplos de como o conhecimento da investigação na área pode traduzir-se em ideias e projetos pedagógicos mais fundamentados cientificamente para melhorar a competência leitora e, assim, incentivar o prazer de ler.

Mas o incentivo à leitura não se consegue concretizar através de mediadores que não gostem de ler. Não é eficaz se os professores não tiverem o hábito de partilhar as suas leituras. Por isso vimos organizando, há muitos anos, nas aulas de Didática do Português, nuns anos com mais e noutros com menos sucesso, uma atividade de escrita sobre os livros que vamos lendo. Há um caderno que circula entre quem nele quiser escrever sobre as suas leituras, assim as partilhando com os outros. Quando passa de mão em mão, o caderno traz-nos a palavra dos outros sobre os livros que vão sendo lidos. Às vezes são sugestões, outras vezes desafios. Uns textos vêm acompanhados de desenhos, de fotografias, de colagens. Cada um é livre de registar o

que a leitura lhe propôs. Outra atividade frequente nas aulas de Didática é a leitura inicial de uma crónica que não se discute depois, mas serve como pretexto para entrarmos todos no silêncio que a leitura requer, e que é também o da reflexão e da participação na aula. Com estas atividades, pretende-se mostrar como se faz fazendo, isto é, espera-se também que os jovens futuros professores as possam replicar quando estiverem com os seus alunos, no caso de delas terem tirado algum proveito e exemplo.

Quando se fala em sólida formação científica, não estamos a limitá-la às Ciências da Linguagem, à Literatura ou aos conhecimentos de Didática. Estamos a pensar numa aprofundada formação científica que inclua também as Unidades Curriculares que abrangem a área a que hoje se chama Formação Educacional Geral, herdeira das Ciências Pedagógicas de que acima se falou. Estamos ainda a pensar numa formação que contemple a relação entre as novas tecnologias e o ensino, não apenas devido ao sobressalto que a COVID-19 causou nas nossas rotinas e nas nossas vidas profissionais e pessoais, mas porque o ensino das gerações atuais tem de obrigatoriamente passar pelo uso inteligente e problematizador dessas novas tecnologias com que, de facto, vivemos.

Este último tópico fez-me alargar os exemplos com que pretendia testemunhar que a FLUP forma professores de Português formadores de leitores. Com efeito, é impossível não equacionar, depois do confinamento a que fomos sujeitos de março a junho de 2020 e da passagem das aulas para ambiente digital, as várias soluções inventivas que alguns dos professores que formámos encontraram para continuar a incentivar a leitura.

### PROJETOS COM FUTURO: QUATRO + QUATRO EXEMPLOS

O primeiro projeto a que irei referir-me tem como animadora Sofia Araújo<sup>27</sup>, acontece na Biblioteca Municipal de Gondomar, e chama-se Clube de Leitura da Câmara Municipal de Gondomar. Os leitores, de idade e características sociais muito diversas, levantam na Biblioteca, com antecedência, o livro que vai ser discutido. A Sofia convida uma ou mais pessoas para conversarem publicamente com ela sobre esse livro. Seleciona passagens que são lidas, de forma muito expressiva e sedutora, pelos elementos da *In Skené*, Companhia de Teatro. A assistência participa descontraidamente na conversa. E, no final, há uns sumos e umas bolachas cuja função é justificar a demora por ali, no edifício da Biblioteca, enquanto se trocam impressões com os outros elementos do Clube de Leitura<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Doutora pela FLUP, onde também se profissionalizou, leciona na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, é investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM) e faz um pós-doutoramento na Faculdade de Letras.

<sup>28</sup> Conheci o projeto numa discussão sobre *Histórias da Terra e do Mar*, de Sophia de Mello Breyner, em outubro de 2019. Na sessão, participei também Isabel Ponce de Leão.

Tal como o primeiro, também o segundo projeto tem diretamente a ver com o centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen. E diz respeito à Maratona de leitura da sua obra, levada a cabo na distante Universidade Nacional de Timor Lorosae, maratona animada pelo responsável do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua (IC), Paulo Faria, que não foi nosso estudante. Mas foram-no, em contrapartida, muitos dos jovens professores timorenses que leram excertos e poemas de Sophia e cujos alunos prepararam leituras também. E foi por esses alegres mensageiros que tive conhecimento da iniciativa, na qual, aliás, por uma feliz coincidência, também participou o escritor angolano Ondjaki, na ocasião em Timor-Leste.

O terceiro projeto é a Associação LER (Livros e Risos), sediada em Estocolmo, animada por Catarina Stichini e Telma Rodrigues<sup>29</sup> e que procura promover a leitura junto de crianças falantes, na sua maioria, de Português de Herança. Sejam de origem portuguesa, brasileira, cabo-verdiana ou de um outro país da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), estas crianças só mantêm contacto com a língua portuguesa, muitas vezes, em casa. Embora a Suécia tenha um generoso projeto de ensino das línguas maternas das crianças cujas famílias acolhe, é fundamental que a ligação dessas crianças à língua não se restrinja às horas de aula de Português, que nem todas frequentam e são escassas. Daí a importância de atividades motivadoras em torno dos livros em português.

Por fim, mais perto de nós. No ano letivo de 2019-20, na turma de Didática do Português I dos Mestrados em Ensino (com Português)<sup>30</sup>, as tarefas de planificação e preparação de aulas, sobretudo no módulo de pedagogia da Leitura, foram organizadas em torno da obra de Sophia, nascida no mesmo ano da primeira Faculdade de Letras. Também assim se procurou ensinar fazendo, isto é, a defesa de que a escola não pode fechar-se ao mundo foi exemplificada abrindo a aula da FLUP para o seu exterior, em primeiro lugar, para as comemorações do centenário do nascimento da escritora. Os discentes, encaminhados pela colega Sónia Rodrigues e por mim, escolheram contos e poemas da autora e prepararam atividades, tarefas, planos de aula, materiais, percursos pedagógicos vários. Com esse trabalho realizado, a abertura ao exterior deu novo passo: os estudantes deslocaram-se, acompanhados pela Sónia Rodrigues, à escola EB 2/3 Dr. Leonardo Coimbra Filho, um estabelecimento de ensino que integra o programa TEIP (Territórios

---

<sup>29</sup> Docentes de Português em Estocolmo e ex-estudantes do Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira.

<sup>30</sup> Mais propriamente do Mestrado em Ensino de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Alemão ou Espanhol ou Francês ou Inglês.

Educativos de Intervenção Prioritária)<sup>31</sup>, onde, acolhidos pela docente de Português, Paula Gomes, puderam lecionar aulas no âmbito do 8.º e do 12.º anos de escolaridade. A experiência foi decisiva para muitos deles confirmarem que a futura profissão tinha sido bem escolhida. Os alunos da escola gostaram muito da presença dos jovens quase professores, e os nossos estudantes também valorizaram muito a intervenção. A professora encarregada das turmas dinamizou com os seus alunos, posteriormente às intervenções dos nossos estudantes, a leitura em voz alta de textos de Sophia. E esses alunos vieram ler à Faculdade de Letras, no dia 6 de novembro de 2019, aquando da celebração do colóquio internacional *Sophia e o nome das coisas – Pensamento e obra em Sophia de Mello Breyner*, onde, em conjunto, a professora da escola, as duas docentes responsáveis pela UC de Didática do Português e os estudantes apresentaram uma comunicação intitulada “Sophia na escola: a promoção da leitura e a educação literária”. Eis um terceiro tempo de abertura da aula de Didática ao exterior.

Passarei, rapidamente, a apresentar mais 4 projetos que são sementes seguras de promoção da leitura, ou seja, são projetos com futuro. Estes confirmam que, da formação sólida dos futuros professores de Português tem de fazer parte um convívio frequente com as novas tecnologias e, sobretudo, uma capacidade de problematizar o seu uso que permita utilizá-las com eficácia e não como instrumentos de alienação<sup>32</sup>.

Se os primeiros projetos se relacionavam entre si através do centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen, predominantemente, porque era o tempo próprio para essa comemoração, os últimos resultam da pandemia que obrigou o Mundo a confinar-se em 2020 e também, porque este tempo coincidiu com as celebrações do Primeiro Dia Mundial da Língua Portuguesa, decretado pela UNESCO para 5 de maio.

Volto a Timor. A semana do Dia Mundial da Língua Portuguesa, uma das duas línguas oficiais do jovem país, foi festejada pela Universidade Nacional de Timor Lorosae e pelo Centro de Língua Portuguesa do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, com a gravação de 127 leitores. Dos pequeninos aos mais velhos, dos anónimos a Ramos Horta, professores, alunos, religio-

---

<sup>31</sup> <https://www.dge.mec.pt/teip> [acesso 18-12-2019]. Segundo esta página, o programa é “uma iniciativa governamental, implementada atualmente em 137 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios económica e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam. São objetivos centrais do programa a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos”.

<sup>32</sup> Nesta preparação, inclui-se o trabalho realizado no âmbito das Unidades Curriculares *Produção de Materiais Didáticos em Português e Didática do Português Língua Não Materna*, e a investigação e dinamização da área das novas tecnologias e ensino de línguas que vêm sendo feitas, na FLUP, pela colega Maria de Fátima Outeirinho.

sas, timorenses, portugueses, brasileiros, escolheram textos de autores da CPLP e leram-nos, organizando, em tempo *record*, um repositório de belíssimos exemplos de literaturas em português.

Já o leitorado do Camões Instituto da Cooperação e da Língua de Estocolmo<sup>33</sup> assinalou a mesma data festiva com uma atividade de leitura que durou todo o dia 5 de maio, intitulada *Da minha janela ouve-se a língua portuguesa*<sup>34</sup>. Nas diferentes gravações desfilarão, perante o nosso orgulho de formadores, também um grupo de ex-estudantes do Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira, hoje espalhados literalmente pelos quatro cantos do mundo, do Chile a São Tomé e Príncipe, de Montevideu à Cidade da Praia. Estas leituras *online* foram de grande qualidade, com textos bem selecionados e expressivamente lidos, sempre no enquadramento arejado de uma janela (a tal de onde se ouve a língua portuguesa), talvez por o desafio ter sido tão criativo.

De Estocolmo ainda, e de um grupo a cujas atividades me referi acima, o LER (Livros e Risos), chegou-nos notícia de que, à falta de as pessoas se poderem juntar fisicamente num mesmo espaço, o “Clube de Leitura” passaria a funcionar *online*, mas não iria desistir da discussão em grupo dos livros previamente selecionados.

Deixo para último a referência à única destas atividades de promoção da leitura que não tem como protagonistas professores formados na FLUP. Trata-se da referência à “Hora da leitura” do #EstudoEmCasa<sup>35</sup>, atividade transmitida, durante o confinamento<sup>36</sup>, em sessões de meia hora, na RTP Ensina, para os 1.º e 2.º anos do Ensino Básico. Tendo constatado que as aulas *online* não atingiam devidamente e por igual a população escolar mais jovem e que as desigualdades sociais se iriam acentuar pelo facto de nem todas as crianças e jovens dispõem de computador e mesmo de Internet, o Ministério da Educação procurou aliviar as falhas detetadas, organizando um conjunto de aulas pela televisão. Tais aulas, longe de se limitarem a servir as crianças portuguesas, foram aproveitadas, segundo as notícias<sup>37</sup>, também um pouco por todo o universo da CPLP, com o Brasil incluído, mas também

---

<sup>33</sup> Cujas responsável não foi nossa estudante.

<sup>34</sup> Atividade cujo título se inspira de perto em Vergílio Ferreira e no texto *A Voz do mar*, lido pelo autor em 1991, na cerimónia de atribuição do Prémio Europália, em Bruxelas.

<sup>35</sup> <https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7149/e467773/hora-da-leitura-1-e-2-anos> [acesso 27-5-2020]. Ver também a aplicação homónima para *smartphone*.

<sup>36</sup> Notícias recentes informam que o #EstudoEmCasa irá ter nova edição brevemente, com novas aulas e alargando-se ao Ensino Secundário (cf. <https://www.jn.pt/nacional/estudo-em-casa-alargado-ao-ensino-secundario-12707771.html> [acesso 14-10-2020]).

<sup>37</sup> <https://www.dn.pt/educacao-do-dia/26-mai-2020/la-fora-a-teleescola-portuguesa-salva-o-ano-perdido-de-alunos-sem-aulas-12229990.html> [acesso 26-5-2020].

ajudaram muitas das crianças que, pelo mundo fora, falam hoje Português de Herança. Ora das atividades organizadas neste contexto de emergência, fazia parte esta “Hora da leitura” e o entusiasmo despertado foi tão grande que *A Casa da Mosca Fosca*<sup>38</sup> esgotou nas principais livrarias. Não fomos nós que formámos estes últimos professores, incentivadores do gosto de ler. Mas poderíamos ter sido e gostaríamos de ter sido. São, com certeza, professores que gostam de ler.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou relacionar a formação inicial de professores de Português que se tem feito na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o fomento da leitura. Tentou, através de exemplos concretos, mostrar como essa formação dotou os jovens professores de conhecimentos, competências e convicções que fizeram deles promotores da leitura.

Gostaria de terminar esta reflexão com uma citação de Graciete Vilela (2005), de um texto a que sempre volto: *Sobre o ensino da literatura: os ensinamentos de Xerazade*. Diz assim a citação com que termino:

(...) para se ensinar a ler, para administrar sabiamente o veneno da literatura, é preciso que os professores amem a literatura: «Não se pode conhecer, nem estudar, nem ensinar, nem viver, aquilo que, no fundo e em verdade, se não ama» (Jorge de Sena, 1961:103). E esse amor da literatura reconhece-se no modo como o professor pega num livro, como lê os textos, como fala deles, como evidencia a sua própria experiência de leitor e de amador de livros. Eduardo Prado Coelho fala de uma “pedagogia alucinada”: «Todos os professores que ensinam a ler deviam ensinar os pequenos gestos de loucura mansa que a leitura implica (...). Uma verdadeira pedagogia teria de ser assim mesmo: alucinada. Alucinada, repito. E inscrevo a palavra no sentido da luz que a atravessa. Porque toda a leitura implica uma concentração de luz, e a noite em redor». O professor de literatura, nesta perspectiva, é um leitor compulsivo e, simultaneamente, um exemplo de vivência cultural e de curiosidade intelectual. Só assim conseguiremos fazer passar a corrente magnética que une leitores e livros, provando que, ao contrário do que diz o poeta, o sol não doira sem literatura.

Não nos esqueçamos de que foram as histórias a salvar Xerazade da morte. E a leitura é a melhor forma de chegarmos a elas. Por isso uma instituição há cem anos a formar professores que incentivam a leitura merece admiração, reconhecimento e uma pontinha de orgulho.

---

<sup>38</sup> Um dos primeiros livros apresentado às crianças na “Hora da leitura”, 1.º e 2.º anos, do #EstudoEmCasa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José [et al.] (2019) – *Para lá da tarefa: implicar os estudantes na aprendizagem de línguas estrangeiras no ensino superior*. Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto.

AMARAL, Rosa Maria (2009) – *A Metáfora na compreensão e interpretação do texto literário*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Tese de Doutoramento.

BOHLIN, Karen (2005) – *Teaching character Education through Literature: awakening the moral imagination in secondary classrooms*. New York; London: Routledge.

COSTA, José António (2016) – *As Pontes entre Didática e Linguística: o possível e o necessário: contributos da Linguística sincrónica e diacrónica para o ensino implícito da modalidade e dos verbos modais no 1.º ciclo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.

COSTA, Maria Armanda (1992) – O Processo de compreensão na leitura e o conhecimento linguístico. In *Para a Didáctica do Português: seis estudos de Linguística*. Org. M. R. Delgado. Martins... [et al.]. Lisboa: Edições Colibri, p. 75-117.

DACOSTA, Luísa (2008) – *Um Olhar Naufragado: Diário II*. Porto: Edições ASA.

DACOSTA, Luísa (2005) – *Na água do tempo: Diário*. 3.ª ed. Porto: Edições ASA.

DACOSTA, Luísa (1977) – *O Teatrinho do Romão*. Porto: Figueirinhas.

DELORS, Jacques, coord. (1996) – *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI*. Porto: Edições ASA.

DUARTE, Isabel Margarida (2010) – Gramática, Literatura e Ensino do Português: uma exemplificação em três tempos. In *As Interfaces da gramática*. Org. M. H. M. Neves. Araraquara: Laboratório Editorial UNESP; S. Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 279-293.

DUARTE, Isabel Margarida (2008) – Ensino da língua portuguesa em Portugal: o texto, no cruzamento dos estudos linguísticos e literários. In *Língua portuguesa, educação & mudança*. Org. Cláudio Cezar Henriques e Darcília Simões. Rio de Janeiro: Editora Europa, p. 210-232. Disponível também em: <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/32.pdf>.

DUARTE, Isabel Margarida, org. (2001) – *Gavetas de leitura: estratégias e materiais para uma Pedagogia da leitura*. Porto: Edições ASA.

ELLISON, M. [et al.], ed. (2018) – *As Línguas estrangeiras no ensino superior: propostas didáticas e casos em estudo*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

FIGUEIREDO, Olívia (2005) – *Didáctica do Português Língua Materna: dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*. Porto: Edições ASA.

FONSECA, Fernanda Irene (2000) – Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. In *Didáctica da língua e da literatura*. Org. Carlos Reis... [et al.]. Coimbra: Almedina; ILLP, Faculdade de Letras, vol. 1, p. 37-45.

FONSECA, Fernanda Irene; DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia, org. (2001) – *A Linguística na formação do professor de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. Disponível também em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18474>.

GARRETT, Almeida ([19--]). *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora. 1ª ed.: 1846.

GRÁCIO, Rui (1983) – A História da história da educação em Portugal: 1948-1978. *Revista Cultura, História e Filosofia*. 2, 135-184.

LEAL, António [et al.] (2019) – *A Linguística na formação do professor: das teorias às práticas*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Centro de Linguística.

LIMA, Maria Isabel (2014) – *A Escola, um espaço privilegiado para a promoção da leitura: reflexões, contributos, estratégias, experiências e sugestões*. Porto: Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado.

MARCHÃO, Joana (2018) – *Relações entre conhecimento explícito da língua e a competência de leitura*. Lisboa: Universidade Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Tese de Doutoramento.

MEJUTO, Eva; MORA, Sérgio, il. (2010) – *A Casa da mosca fosca*. Matosinhos: Kalandraka.

MENDONÇA, Maria (2014) – *O Comentário do texto literário no 3.º ciclo do Ensino Básico: ética e estética*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

MORAIS, Olinda (2014) – *Como estimular o gosto pela literatura nas aulas de Português: das teorias às práticas pedagógicas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Maria da Graça (2013a) – Bilinguismo e cognição: como explicar os desempenhos em tarefas de repetição de dígitos e de frases? In *Português língua não materna: investigação e ensino*. Org. M. A. Moreira, R. Bizarro e C. Flores. Lisboa: Lidel, p. 47-68.

PINTO, Maria da Graça (2013b) – A Leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade. *Letras de Hoje*. 48:1, 116-126.

PINTO, Maria da Graça (2013c) – Plurilinguismo: um trunfo? *Letras de Hoje*. 48:3, 369-379.



PINTO, Maria da Graça (2009) – *A Linguagem ao vivo: textos seleccionados*. Org. Isabel Margarida Duarte, Olívia Figueiredo e João Veloso. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP; C06).

PINTO, Maria da Graça (2007) – The Orient-express or inter-rail: a brief metaphorical look at foreign language learning as part of general learning process. In *Psycholinguistic studies*. Ed. P. Ilieva-Baltova... [et al.]. Sofia: Riva Publishers, p. 127-150.

PINTO, Maria da Graça (2005) – Da Psicolinguística: um verbete que se tornou ensaio. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Org. Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo, Fátima Silva. Porto: Faculdade de Letras. vol. 2, p. 571-583.

PINTO, Maria da Graça (2001) – Só me faltava a psicolinguística... In *A Linguística na formação do professor de Português*. Org. Fernanda Irene Fonseca, Isabel Margarida Duarte, Olívia Figueiredo. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 135-152. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18474>.

PINTO, Maria da Graça (1998) – *Saber viver a linguagem: um desafio aos problemas de literacia*. Porto: Porto Editora.

POSLANIEC, Christian (2006) – *Incentivar o prazer de ler: actividades de leitura para jovens*. Porto: Edições ASA.

RABATEL, Alain (2017) – Empathie et émotions argumentées en discours. In *Pour une lecture linguistique et critique des médias: empathie, éthique, point(s) de vue*. Limoges: Lambert-Lucas, p. 265-276.

RIBEIRO, Bernardim (1938) – *O Livro da menina e moça...* Prefácio e notas de António Salgado Júnior. Lisboa: [s. n.]. (Colecção Autores de Língua Portuguesa. Textos Literários).

RIBEIRO, Mara (2015) – *As Estratégias da compreensão leitora no ensino do português e do espanhol: contributos teórico-práticos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

RODRIGUES, Sónia (2017) – O Ensino do Português nas primeiras décadas do século XXI. In JUSTINO, David; MIGUÉNS, Manuel – *Lei de Bases do Sistema Educativo: balanço e prospetiva*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, vol. 1, p. 247-291.

SANTOS, Aida (2003) – Do amor aos textos ao gosto pela língua: alguns equívocos sobre o ensino do Português. In ENCONTRO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS, 7.º, Lisboa, 2002 – *Homenagem a José Saramago: a língua-mãe e a paixão de aprender: actas*. Porto: Areal, p. 108-123. *Sciences Humaines. Le pouvoir des livres: comment la littérature peut changer notre vie*. 321 (jan. 2020).

SILVA, Vítor Aguiar e (2008) – Horizontes de uma nova interdisciplinaridade entre os estudos literários e os estudos linguísticos. In *Conferência Internacional sobre o Ensino do Português: actas*. Org. Carlos Reis. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC, p. 19-32.

SILVA, Vítor Aguiar e (2005) – Sobre o regresso à Filologia. In Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres, Braga, 2005 - *Gramática e Humanismo: actas...* Ed. Miguel Gonçalves... [et al.]. Braga: Universidade Católica Portuguesa, vol. 1, p. 83-92.

STEINER, George (2014) – *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a Literatura, a linguagem e o inumano*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Gradiva.

STOER, Stephen R. (2008) – Notas sobre o desenvolvimento da Sociologia da Educação em Portugal. *Educação, Sociedade & Culturas*. 26, 113-132.

VILELA, Graciete (2005) – Sobre o ensino da literatura: os ensinamentos de Xerazade. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Org. Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo, Fátima Silva. Porto: Faculdade de Letras, vol. 2, p. 633-641.

VILELA, Graciete (1995) – Estratégias de leitura. *Rumos: jornal de informação pedagógica*. 10, 4.

VILELA, Graciete (1995) – A Leitura da obra integral no Ensino Básico. *Rumos: jornal de informação pedagógica*. 4, 15.